



GT 051. Performances e marcas da religião na cidade

Emerson Giumbelli (UFRGS) - Coordenador/a,
Edilson Pereira (UERJ) - Coordenador/a, Christinã
Vital da Cunha (Universidade Federal Fluminense)
- Debatedor/a

O tema da religião encontra na Antropologia uma longa tradição, com pesquisas seminais sobre o seu papel na vida social e suas formas de expressão material e simbólica. Performance, por sua vez, tornou-se tema de estudo antropológico especialmente nas últimas décadas do século XX, em profícuo diálogo com outros campos de conhecimento. Notabilizou-se, sobretudo desde os anos 1990, a presença da religião em gramáticas e estéticas acionadas por atores identificados com os mundos da política, da cultura, do turismo, do crime em interações materializadas e/ou que se desenrolam em áreas públicas, periferias e outros espaços citadinos. Ao aproximar esses temas, o GT busca avançar sobre fronteiras conceituais e metodológicas na investigação de modalidades de ação e comunicação no espaço urbano, dando ênfase a performances e materialidades. Trata-se de uma via de acesso aos processos sociais que refletem o papel da religião na experiência urbana e nas modalidades de compreensão da cidade. Deste modo, interessam-nos estudos etnográficos que enfatizem composições, conexões, controvérsias e disputas entre atores sociais que articulam espaço urbano e religião a partir de performances e marcas (monumentos, arquiteturas etc.) com inflexões mais amplas na vida social. Nosso objetivo é reunir estudiosos que, interessados em dinâmicas do religioso da e na cidade, apresentem abordagens criativas sobre movimentos e intersecções performadas entre valores, estéticas, territórios e temporalidades.

Procissão, marcha e passeata: o ativismo cristão LGBT nas ruas da capital paulista

Autoria: Jeferson Batista da Silva

Entre o final de maio e início de junho de 2018, as ruas do centro de São Paulo foram ocupadas por eventos religiosos e eventos voltados para a população lésbica, gay, bissexual e transgênero. No dia 31 de maio, enquanto católicos celebravam o feriado de Corpus Christi com missa na Praça da Sé e procissão em ruas do entorno, multidão de evangélicos se concentravam a poucos quilômetros, na Estação da Luz, para a 26ª Marcha para Jesus. No mesmo dia, o Vale do Anhangabaú, também na região central paulistana, sediava a 18ª Feira Cultural LGBT. Na sexta, dia 01, foi a vez da 1ª Marcha do Orgulho Trans, no Largo do Arouche, percorrer as ruas. Estes dois últimos eventos foram realizados às vésperas da Parada do Orgulho LGBT, que, no domingo seguinte, reuniu milhões de participantes na Avenida Paulista. Procissão, marcha e passeata. Atores religiosos e atores LGBT nas ruas reafirmando identidades e buscando dar visibilidade à suas gramáticas. Eventos como estes quase sempre geram controvérsias públicas em torno de categorias que estão em disputa, como família, direitos e liberdades. Ao acompanhar tais controvérsias, a mídia, estudiosos e outros segmentos reforçam, em muitos casos, o enquadramento gay versus religioso. Novas configurações na cena religiosa brasileira mostram, contudo, um novo enquadramento: a compatibilidade em ser cristão e vivenciar sexualidades e gêneros dissidentes. Com esta consideração e contextualização, o foco deste work é refletir de que modo esta compatibilidade é performatizada e publicizada em espaços urbanos, gerando, claro, novas controvérsias em torno de um entre lugar ocupado por estes atores organizados e agregados nas igrejas inclusivas e nos grupos pastorais católicos pró diversidade sexual e de gênero. Especificamente, este work, a partir da etnografia do II Encontro de Católicos LGBT, que ocorreu em São Paulo entre 01 e 03 de junho, mostra que uma das marcas do encontro foi a participação dos católicos LGBT na parada LGBT, logo após a participação em uma missa celebrada na igreja São Luís Gonzaga, único templo católico da Avenida Paulista. Este evento serve como uma porta de entrada para mostrar outras atividades promovidas por ativistas cristãos LGBT na "praça pública": ações de caridade, evangelização e sociabilidade (comuns entre



comunidades religiosas convencionais), além de participação em manifestações, assembleias e passeatas (eventos historicamente ligados a movimentos sociais), tornando os "muros" da religião mais porosos e adentrando espaços públicos, supostamente seculares.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

